

CARVALHO, José Jorge de. (Trad., org.) Os melhores poemas de amor da sabedoria religiosa de todos os tempos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 207 p.

PEDRO PAULO GOMES PEREIRA*

A Ediouro lançou a antologia Os melhores poemas de amor da sabedoria religiosa de todos os tempos, com seleção, apresentação e tradução de José Jorge de Carvalho. Organizar uma antologia é mais difícil do que parece. Existe uma crítica persistente que questiona a validade dessas obras. Benedetto Croce dizia que, nesse tipo de literatura, corre-se o risco de se considerar grandes poetas medíocres e de se estabelecer, no processo de formação da obra, critérios alheios à qualidade dos textos. A valorização dos escritores “historicamente característicos”, por exemplo, consiste numa das maneiras de se afastar da qualidade desejada e de se embrenhar por um didatismo comovedor, mas terrivelmente chato. Se o autor não tiver critérios “objetivos”, pode cair em obras tão pessoais que revelam mais do organizador que dos poetas e da poesia que se deseja sublinhar. A outra face resume-se no desaparecimento do organizador, subsumido numa aparente objetividade que muitas vezes torna insípida a obra. Seriam enfadonhas as antologias? Não seriam maneiras de facilitar a vida do leitor apressado?

Além dessas ressalvas às antologias, a empreitada a que se propôs o organizador não foi nada fácil: percorrer três mil anos de poesia criada em mais de vinte países. A obra não busca ser antologia de autor ou de tradição, nem mesmo antologia-manifesto – como a Introduction à la poésie française, de Thierry Maulnier – ou

antologia-história – como a Poètes d’aujourd’hui, de Van Berger e Léautaud. Diante das dificuldades apresentadas, podemos indagar: qual seria o fio condutor da seleção dos poemas? Qual o critério para denominar os melhores poemas de sabedoria religiosa?

A profusão de autores e de tradições literárias e religiosas é enorme. Só para exemplificar, cito, idiossincriticamente, três trechos de poemas: um canto a Xangô e poesias de Fernando Pessoa e de Al Hallaj.

O livro apresenta a força do canto a Xangô, da tradição religiosa da umbanda. O canto afirma o sentimento amoroso de entrega ao Pai Xangô.

A porta do céu abriu
A porta do céu abriu
Pai Xangô abençoe este sítio
Pai Xangô abençoe este gongá
Subi a serra
Acompanhando o Pai Xangô
No lugar aonde passa
corre água e nasce flor

O cristianismo esotérico de Fernando Pessoa, expresso no poema “Virgem Maria”:

Virgem Maria.
Mãe de quem não tem mãe, no teu regaço
Poisa a cabeça a dor universal
E dorme, ébria do fim do seu cansaço...
E tens na mão usado e nunca imundo,
O pequenino lenço maternal
Com que enxugas as lágrimas do mundo.

A preciosa recordação de Al-Hallaj, místico e mártir islâmico que, por ter afirmado a sua

* Mestre e Doutor em Antropologia pela UnB; Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona, Espanha; Bolsista DCR/CNPq junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG.

experiência de unidade com o divino, foi acusado de heresia e crucificado em Bagdá.

Como âmbar junto com almíscar
 teu espírito se mesclou no meu espírito;
 tudo que te alcança também me alcança;
 por isso tu és eu
 e nada nos separa.

A diversidade das tradições expressa nesses poemas – e nos muitos outros que compõem o livro – confirma a erudição da obra, mas não revela ainda o plano interpretativo que a estrutura.

Segundo a minha leitura, a sua mola propulsora é o projeto de comparação. Ele constitui e sustenta o livro. Não se trata de ressaltar somente poemas da tradição denominada ocidental, mas colocar nomes como Bragavad Gita, Li pó, Kobo Daishi ao lado de Dickinson, Goethe e Blake, fazendo dialogar diferentes tradições literárias, possibilitando que se iluminem mutuamente.

A questão desloca-se de escolher os melhores poemas de todos os tempos para um jogo de olhares em que as tradições aclaram as dimensões da literatura de amor religioso. Existe, portanto, a busca de ruptura com a idéia de cânone ocidental. A magnitude da obra não se constitui pela força impositiva da poesia européia. Nem pela ingênua denegação da poesia e da arte ocidental. O Ocidente tem uma série de obras de máxima importância para a humanidade. O autor não questiona essa idéia. Mas coloca, junto aos escritores ocidentais, outros tão importantes, ampliando a visão de literatura e alargando a própria concepção de humanidade. A comparação amplia as possibilidades de narrativas e fornece-nos contato com a diversidade de sentimentos religiosos. Esse movimento ilumina reciprocamente as obras e possibilita ao leitor verificar a grandeza das tradições.

Alguns podem se doer por notar a falta de um ou de outro autor de sua preferência – o fado das antologias. Outros podem achar a obra pretenciosa, no que tange a sua pretensão espaço-temporal. Outros ainda teriam o afã de defender uma tradição específica que, por falta de espaço, não pode ser abordada razoavelmente. Todavia, o projeto comparativo pode servir para aparar essas arestas, pois, além de revelar a importância de tradições não-ocidentais, cria a oportunidade de aproximarmos de Dante Alighieri, confrontando-o com Yunus Emre, e de entendermos Ibn Arabi cotejando-o com Emily Dickinson.

Cabe-se ainda ressaltar a acuidade na tradução, atenta à especificidade da sintaxe e à irredutibilidade do idioma a ser traduzido. A metáfora de Geertz do “olhar de joalheiro” assenta-se perfeitamente à tarefa de tradução empreendida por Carvalho: o cuidado com o detalhe, que pode ser percebido, por exemplo, na tradução do “Memorial” de Pascal.

A obra, além de nos oferecer uma literatura de alta qualidade, de nos informar sobre sentimentos religiosos de diversas tradições, de nos apresentar uma tradução acurada, proporciona-nos saudável projeto de comparação. Aprender com a variedade de literatura religiosa apresentada por Carvalho pode se constituir num passo no combate às visões etnocêntricas que procuram excluir qualquer tradição não-ocidental da esfera das grandes artes e das contribuições da humanidade. Diante dessa constatação, podemos concluir que organizar – e traduzir – uma antologia não é atividade neutra do erudito sem conexão com a realidade. Antes, indaga sobre a busca de interlocução e de diálogo empreendida pelo organizador.

Certa vez Hoelderlin disse: “poetar, o mais inocente dos afazeres”. Nem tão inocente assim, parece nos afirmar a antologia de Carvalho.